Estranhar para Reeducar: a monstruosidade *queer* na arte-educação da professora transexual T. Angel

Strangeness as re-education: Queer Monstrosity in the Art Education Practice of the Transsexual Teacher T. Angel

Greta Tomaz Lopes[1]

Resumo: Ao exigir uma reinvenção epistêmica do conhecimento nas artes e na educação, a noção de monstruosidade nos conduz a duas perguntas: de que modo os conhecimentos produzidos por professoras transexuais, travestis e *queer* contribuem para estranhar os pressupostos da Arte-Educação? O que a escola pode aprender com a transexualidade? Este artigo analisa as práticas artístico-educacionais desenvolvidas pela professora e mestra transexual T. Angel, investigando de que modo suas experiências deslocam concepções de conhecimento no campo da Arte-Educação. Para isso, colocamos os estudos *queer* em fricção com suas práticas pedagógicas e examinamos as intervenções de *site-specific* realizadas por estudantes do Coletivo ERER+, em diálogo com experiências de outras professoras LGBTQIAPN+ que ancoram suas práticas pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e Abordagem Espiralar de Marina Marcondes Machado. Assim, analisamos o estranhamento no interior da arte-educação com a intenção de deslocar o currículo. Para isso destacamos a criação da Pró Reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade da Unesp que tem como uma das principais responsáveis a professora transexual e física Dra. Daniela Cardozo Mourão. Estranhar para reeducar a escola, o corpo e o conhecimento. O estranhamento como um modo de *operação*; um vir a ser. Afinal, por onde quer que andemos na cidade de São Paulo, o que ouvimos, nos gestos, nos olhares e nas palavras, vem como uma sentença: "Vocês são estranhas…".

Palavras-chave: Estranhamento. Abordagem *Queer*. Educação Sexual. Arte-Educação. Performance. Monstruosidade.

Abstract: By demanding an epistemic reinvention of knowledge in the arts and education, the notion of monstrosity leads us to two questions: How does the knowledge produced by transsexual, travesti, and queer teachers contribute to estranging the assumptions underlying Art Education? What can schools learn from transsexuality? This article analyzes the artistic and educational practices developed by the transsexual teacher and master's degree holder T. Angel, investigating how her experiences displace established conceptions of knowledge in the field of Art Education. To this end, we bring queer studies into friction with her pedagogical practices and examine the site-specific interventions carried out by students from Coletivo ERER+, in dialogue with the experiences of other LGBTQIAPN+ teachers whose practices are grounded in Ana Mae Barbosa's Triangular Approach and Marina Marcondes Machado's Spiral Approach. Thus, we analyze

1. Artista transexual paulistana, Doutoranda em Artes pelo PPGArtes/UNESP. Mestra em Artes. Professora de Artes do Programa de Iniciação Artística da Prefeitura de São Paulo (2009 a 2012). Coordenadora Artístico Pedagógica do Programa de Iniciação Artística da Prefeitura de São Paulo (2013 a 2016). Professora de Teatro do Teatro Cacilda Becker pelo Programa Vocacional (2024). Fundadora da Cia Humbalada (2004 a 2019) e da Casa Offline (2023-Atualmente) E-mail: greta.lopes@unesp.br. ORCID

Submissão: 21 jul. 2026 **Aceite**: 29 set. 2026

10.47250/forident.v43n1.p217-238

estrangement within Art Education with the aim of displacing the curriculum. To this end, we highlight the establishment of UNESP's Office of the Pro-Rector for Affirmative Action, Diversity, and Equity, whose key figures include the transsexual professor and physicist Dr. Daniela Cardozo Mourão. To estrange in order to re-educate the school, the body, and knowledge. Estrangement as a mode of *operation*; a process of becoming. After all, wherever we go in the city of São Paulo, what we hear, through gestures, glances, and words, comes as a sentence: "You are strange…".

Keywords: Estrangement. Queer Approach. Sexual Education. Art Education. Performance. Monstrosity.

Introdução

Somos sempre as únicas pessoas trans da sala; as únicas crianças trans da escola; as únicas senhoras trans da Universidade. No âmbito coletivo nossos corpos expandem o espaço rígido da verdade forjada como real. Vozes graves, gestos afeminados, hormônios à flor da pele. A transexualidade se impõe no espaço escolar e já não sabemos mais se é a língua que nos faz, ou nós que fazemos a língua. Afinal, nenhuma professora nasce monstra, torna-se.

A filosofia nos revela que a humanidade ocidental descobre lentamente que vivemos num mundo vivo, que temos um corpo, posições de vivências, bem-estar particular e comunitário (Foucault, 2013, p. 155). A noção do biológico ganha status político e a busca por sua padronização, aumenta. Uma sociedade padronizadora surge e se torna fabricante de uma série de procedimentos de autoridades que se revelam na presença e no corpo. Fugir disso, é estranhar as ordens predominantes forjadas como orgânicas.

Ainda no campo da filosofia, podemos afirmar que a heresia tem a ver com oposições que não se decidem. "No centro de minha fé irônica, de minha blasfêmia, está a imagem do ciborgue". (Haraway, 2009, p 35). Para Donna Haraway, a noção de mulher é uma vivência, e sua autonomia necessita da edificação do pensamento sobre a tirania; necessita da sua mística assimilação; e, portanto, da edificação e da assimilação da alternativa; do outro; necessita da compreensão de que acolher a diferença é uma ação soberana na busca pela liberdade. "O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX" (Haraway, 2009, p. 37).

A área da educação, por sua vez, também já vem introduzindo a diferença e as experiências múltiplas de vida no interior de suas práticas em sala de aula como modos de criar outros meios de conhecer o mundo (Chagas, 2025, p. 29). Os estudos *queer*, por exemplo, avançam nas práticas educacionais e revelam que modos epistêmicos fora da norma devem ser absorvidos pela escola (Louro, 2013, p. 07).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

Os corpos heréticos – aqueles que cometem a heresia da diferença – estranham o campo da educação e das artes, na medida em que materializam a "transcestralidade" e a "bixancestralidade" (Souza, 2025, p. 56) nas noções de presença e de política.

Há muito séculos é possível averiguar a existência de uma iconografia demonológica[2], por exemplo, que percorre desde a representação do "Satanás" no barroco, até a "Bruxa" na Idade Moderna; revelado em gravuras, desenhos, pinturas e esculturas. (Alves, 2026, p. 3) Inclusive, podemos afirmar que a participação da Igreja Católica na obtenção de quadros e esculturas que revelassem de fato como seria a imagem do ser diabólico, é uma ação que expandiu a imagem do feminino associado ao diabo. O demônio enquanto: "animal, fêmea, andrógeno, peludo, chifrudo, rabudo e moribundo" (Alves, 2026, p. 15).

A produção do feminino como víbora e do corpo herético como monstruoso, é revelado na História da Arte (Alves, 2026, p. 16) e na História Mundial do Teatro (Berthold, 2006, p. 3) por meio da representação da metamorfose do corpo, das danças místicas e das bufonarias. O pajubá (Riva, 2024, p. 3) está exposto há muito tempo, mana! A natureza e a cultura se fundem e o desejo de mutação se impera na arte e nos modos de vida.

A monstruosidade, ao exigir uma reinvenção epistêmica do conhecimento nas artes e na educação, nos impulsiona a seguinte pergunta: o que a produção de conhecimento de professoras transexuais, travestis e *queers* contribuem no estranhamento da Arte-Educação? O que pode a escola aprender com a transexualidade? O objetivo do artigo é o de revelar as práticas artístico-educacionais realizadas pela professora mestra em educação e transexual T. Angel e de que modo suas experiências estranham a noção de conhecimento na Arte-Educação.

Para isso, iniciamos o artigo revelando noções acerca da abordagem *queer* na educação para em seguida apresentar as ideias e trabalhos realizados pela professora T. Angel na área da performance e da educação, como por exemplo sua participação como performer no Coletivo Desvio[3] e na performance Paper Dolls.

A partir daí, buscamos friccionar os estudos *queer* com as práticas pedagógicas de T. Angel, o que inclui práticas de *site specific* com alunas do Coletivo ERER+[4], além de experiências de outras professoras LGBTQIAPN+ que ancoram

2. Como por exemplo as gravuras dos pintores Peter Paul Rubens e Hieronymus Wierix. Ver mais em ALVES, 2026, p. 15.

3. "O Desvio Coletivo é uma rede de criadores que atua na fronteira entre a arte urbana, a arte da performance e as artes visuais. Por meio de intervenções artísticas em diferentes espaços, desenvolve ações que geram ilhas de desordem efêmera de natureza poética e crítica. São artistas do coletivo Leandro Brasilio, Marcos Bulhões e Priscilla Toscano. Fundado em 2011, a pesquisa do grupo leva em consideração a criação colaborativa, subvertendo as funções hierárquicas de uma criação artística, cedendo espaço para que o cidadão comum se torne o protagonista das obras inserindo questões intrínsecas à sua experiência de vida." Fonte: https://www.desviocoletivo.com.br/about. Acessado em 07/07/2026.

4. "O Coletivo ERER+ foi criado pela professora transexual T. Angel em 2018 na Escola Estadual Doutor Américo Marco Antônio, localizada na periferia de Osasco. Surgiu dentro do Plano de Ação do ERER da Diretoria de Ensino de Osasco. é formado – principalmente – por estudantes e tem buscado atuar no sentido de promover a cidadania plena e dignidade de todas as pessoas". Fonte: https://erermais.blogspot.com/p/quem-somos.html. Acessado em 07/07/2026.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

suas práticas pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e espiralar de Marina Marcondes Machado. Assim, analisamos o estranhamento no interior da Arte-Educação com a intenção de deslocar o currículo. Para isso destacamos a criação da Pró Reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade da Unesp que tem como uma das principais responsáveis a professora transexual e física Dra. Daniela Cardozo Mourão.

Estranhar para reeducar a escola, o corpo e o conhecimento

Se a prática do ensino tem algo de enigmático, aprender é portanto um aventurar-se, e cabe a nós, professoras, estimular o interesse; a sagacidade; a vontade de conhecer; de "conceber nossa curiosidade, colocar em jogo nossa curiosidade: pelo pensamento alheio, pela invenção alheia, pelos saberes alheios" (Christov, 2012, p. 170).

Assim sendo, nós reivindicamos a ontologia das monstras. Temos linguagem, corpo e ruído. Produzimos conhecimento, arte e política. O estranhamento como um modo de *operação*; um vir a ser. Afinal, por onde quer que andemos na cidade de São Paulo, o que ouvimos, nos gestos, nos olhares e nas palavras, vem como uma sentença: "Vocês são estranhas…"

Fig. 1 – Detalhe da obra "**A Queda dos Anjos Rebeldes**" (1660-1665)[5]



Sobre a abordagem queer na educação

Estamos prontes?

As experiências de educação sexual na sala de aula (Furlani, 2011, p. 41) demonstram que as conexões entre natureza, sexualidade e etnia avançam e se

5. Obra de pintor italiano Luca Giordano no Museu de História da Arte na cidade de Viena visto no relatório do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto de Portugal sob orientação do Professor Dr. Nuno Miguel de Resende intitulado "O demônio e suas múltiplas imagens atreladas à mulher e ao medo na época moderna" (Alves, 2026, p. 9).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

aproximam cada vez mais de uma proposta de atenção às dissidências; aos chamados aqui corpos heréticos.

No contexto brasileiro, Furlani (2011, p. 15) identifica oito abordagens da educação sexual: biológico-higienista, moral-tradicionalista, terapêutica, religioso-radical, dos direitos humanos, dos direitos sexuais, emancipatória e queer. Essa classificação permite compreender a educação sexual em suas dimensões "teórica, prática e política" (Furlani, 2011, p. 40), bem como discutir de que maneira tais dimensões redimensionam a noção de identidade e a própria concepção de indivíduo.

Na educação, a abordagem *queer* implica um compromisso ético: interrogar e estranhar as normas que organizam o espaço de ensino. Ao dialogar com perspectivas críticas de currículo, essa abordagem questiona estruturas que apresentam as identidades como fixas e naturais. Desse modo, em vez de estabelecer uma nova definição normativa do "eu", propõe problematizar os fundamentos que sustentam sua aparente estabilidade.

Assim sendo, quais as estruturas podem a epistemologia *queer* estranhar no interior de um currículo escolar? O que pode revelar o estranhamento na escola?

O estranhamento é um método de interrogar e desmentir as noções inclusas nas ideias que pressupõe essências. No entanto, não nos interessa doutrinar uma outra originalidade individual do "eu". A proposta é debater como cada "eu" se edifica; se admira; se odeia; se confessa; se manifesta; para então despedaçar a metodologia que finca a naturalidade. "Desconstruir aqui significa desestabilizar, questionar, fragilizar, pôr em xeque" (Furlani, 2011, p. 37).

Outra importante contribuição da abordagem *queer* na educação, diz respeito ao entendimento do corpo como central na relação do saber, o que se aproxima de um dos fundamentos da pedagogia crítica feminista que consiste em "recusar a dicotomia entre mente e corpo". (hooks in Louro, 2013, p. 117).

Afinal, o que fazemos com nossos corpos em sala de aula? Como sugere bell hooks, a retirada da paixão do espaço pedagógico pode produzir uma espécie de "descorporificação" (hooks, apud Louro, 2013, p. 115). Um corpo apartado da paixão perde parte de seu impulso e de sua potência de existir. Por isso, é importante que docentes e estudantes possam estar presentes por inteiro, e não como "corpos descorporificados" (hooks, apud Louro, 2013, p. 117). Nessa perspectiva, reconhecer a dimensão do "erótico" em sala de aula pode contribuir para o processo de aprendizagem:

> A compreensão de que eros é uma força que intensifica nosso esforço global de autorrealização, de que ele pode fornecer uma base epistemológica que nos permita explicar como conhecemos aquilo que conhecemos, possibilita tanto professores quanto estudantes a usar tal energia no contexto da sala de aula de forma a revigorar a discussão e estimular a imaginação crítica (hooks, 2013, p. 118).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

Além disso, em relação a potência do corpo como imaginação crítica, podemos averiguar que as teorias da sexualidade apresentam relações entre investigação, autonomia e sexualidade que demonstram o entendimento do corpo como algo mutável no modo como cada um de nós transita pela sociedade. Nesse sentido, é possível afirmar a abordagem *queer* como a produção de uma tecnologia de alteridade; isso porque sem a potência da presença do corpo não há perspicácia, e sem a existência de questionamentos, fica impossibilitado o ato de aprender (Briztman, 2013, p. 88).

Se aceitarmos as noções de presença e sexualidade como assuntos estritamente íntimos, corremos o risco de interromper sua grandiosidade no campo social e político. O universo escolar, muitas vezes, torna-se o local do apagamento da presença herética, no lugar de ser um espaço de amplitude dos conhecimentos. O surgimento de identidades *queers* no interior da escola faz evidenciar, de modo contundente, a importância de considerar a fluidez das identidades como um modo de operação no currículo (Louro, 2013, p. 30).

Além disso, o fortalecimento da abordagem *queer* no currículo escolar revela sobre quais assuntos "podemos" falar; quais assuntos "devemos" falar; e sobre quais assuntos devemos "jamais" falar. A presença dos corpos heréticos na escola possibilita, assim, a construção de outras histórias no interior da pedagogia, um modo de conhecimento que seja capaz de estranhar, reinventar e pluralizar os espaços da norma.

> Para o campo educacional, a afirmação desses grupos [*queers*] é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios aí implicados. Não podemos mais simplesmente 'encaminhá-los' para os serviços de orientação psicológica para que sejam corrigidos, nem podemos aplicar-lhes um sermão para que sejam reconduzidos ao 'bom caminho'. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os. Talvez tenhamos que admitir que sua presença é parte de nosso tempo. Sua 'estranha' figura poderá (quem sabe?) nos ajudar a lembrar que nossas 'figuras' – as formas como apresentamos a nós próprios e aos outros – são sempre formas inventadas e marcadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos. Sua figura 'esquisita' exerce uma paródia de masculinidade ou de feminilidade e talvez nos leve a reconhecer o quanto todas as representações de gênero ou de sexo se fazem através de sinais e códigos culturais (Louro, 2013, p. 52).

O compromisso que se faz, portanto, diante da abordagem *queer* na educação diz respeito a negar como um "problema", a presença do corpo *queer*. Mas pensar o corpo herético como um modo de existência, fruto do nosso tempo histórico. Um tempo em que a eliminação das binariedades fixas dão lugar para epistemologias mais complexas: "Ao *queerizar* o currículo em artes pretendemos que

10.47250/forident.v43n1.p217-238

as corporalidades, em suas criações em diferentes âmbitos artístico-existenciais, subvertam aquela ordem, na produção de atos constitutivos de outros mundos possíveis" (Machado, 2025, p. 59).

A trajetória de T. Angel, discutida a seguir, oferece um sólido campo para observar como esses deslocamentos se manifestam na prática pedagógica.

T. Angel e a arte-educação monstruosa

> Sem passabilidade alguma, nem como trans e nem como gente, sou uma monstra que queimou muitos armários. É incrível a capacidade da normatividade compulsória em querer nos enfiar em armários, caixas, caixões. Queimo tudo. Boto fogo mesmo. Sem dó.
> (Angel, T., 2024, p 71)

Fig. 2 – T. Angel na palestra sobre diversidade sexual e de gênero na sede do Coletivo ERER+[6]



T. Angel se reconhece como cria da periferia: nasceu e cresceu no Jardim Roberto, em Osasco, município do estado de São Paulo. Em sua dissertação de mestrado, "Travessias de monstruosidades: corpos docentes e discentes na educação" (2024), desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), investiga diferenças, desigualdades e experiências trans no campo educacional. A pesquisa também retoma violências vividas em caminhadas noturnas e reflete sobre o retorno, como docente, a esses territórios de memória. Nesse movimento, o exercício da docência passa a ser compreendido como conquista e como possibilidade de ressignificação da própria trajetória (Angel, 2024).

6. Foto tirada em 03/06/2026 – Fonte: https://www.instagram.com/p/DZK2PVBlcSL/?img_index=1.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

Sua infância transcorreu em um contexto de fundamentalismo religioso, no qual o acesso à televisão e aos livros era interditado por serem considerados "coisas do demônio". Escola, família e igreja constituíam, assim, os principais espaços de circulação de sua vida. Nesse ambiente, porém, seus gestos afeminados a faziam perceber-se como diferente, e o silenciamento tornou-se parte de sua experiência infantil. Segundo Angel, o silêncio funcionava como resposta a um mundo que procurava controlar e dominar sua voz afeminada.

Na adolescência, a criança dócil passa a dar espaço para modificações corporais e metamorfoses da adolescência. A escola, então, "passa a ser um inferno" (Angel, 2024, 3min), e os espaços deixam de sustentar sua existência. Ao relatar sua experiência na mesma escola onde estudou, T. Angel descreve um passado de sofrimento e uma educação "desumanizadora" que "roubou seus sonhos". Contudo, ao retornar como professora, ela afirma ter desenvolvido uma "casca dura" ou "armadura". Essa resiliência, forjada pelas adversidades, permite-lhe enfrentar olhares de julgamento sem ser afetada emocionalmente, transformando a dor passada em uma ferramenta de proteção e empoderamento (Angel, 2024, 38min).

Nesse contexto, T. Angel emerge como uma pessoa transexual não binárie, monstra e professora, trabalhando com educação pública e, atualmente, na função de coordenadora pedagógica. Além disso, atua com performances e danças. Sua formação reúne estudos em Moda, História, Educação Inclusiva e Gestão Escolar.

Iniciou sua graduação em Moda pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) em 2005, tendo como trabalho de conclusão de curso a monografia "A modificação corporal no Brasil" publicada em livro posteriormente pela editora CRV. Em 2011 tornou-se Bacharel e Licenciada em História pelo Centro Universitário FIEO (Fundação Instituto de Ensino para Osasco-SP). (Viana, 2015, p. 66).

Em 09 de março de 2017, T. Angel assumiu seu cargo de professora de educação básica na Escola Estadual Doutor Américo Marco Antônio, na periferia de Osasco, local onde Angel mora, vive e estudou (Angel, 2024, p. 156). Sua trajetória acadêmica é marcada fortemente pela dimensão autobiográfica, com bastante registros íntimos que envolvem sua experiência monstruosa no corpo e na sala de aula ao mesmo tempo. Seu modo de escrita é carregado de poesia e mistério, feitos em bloco e em retalhos.

Assim, a trajetória de T. Angel no campo educacional é marcada por um contraste geracional e institucional. Em seus relatos, a escola é inicialmente descrita como um espaço de repressão, onde o "racismo e a LGBTQfobia recreativos" operavam como ferramentas de manutenção de estereótipos e silenciamento de identidades heréticas. Entretanto, ao retornar a esse mesmo ambiente na posição de docente, Angel identifica uma abertura institucional significativa, caracterizada por uma gestão mais dialógica e receptiva à diversidade. Ela aponta, contudo, que a

10.47250/forident.v43n1.p217-238

imposição de metas diárias asfixia o tempo necessário para o desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas e disruptivas, limitando a capacidade de inovação e aprofundamento em temas sensíveis (Angel, 2024, 39min).

Em 2018, ainda no ambiente escolar, T. Angel criou o Coletivo ERER+, uma iniciativa artística construída com estudantes para promover ações ligadas aos direitos humanos, à diversidade e à cultura de paz. Neste coletivo, Angel trabalhou noções de *site specific* nos corredores da escola, em um trabalho intitulado Entre Frestas que consiste em intervenções artísticas nos corredores da escola, com o objetivo de criar "frestas" no sistema rígido de ensino, abrindo espaços para a diversidade e a reflexão crítica (Angel, 2024, 35min).

Além disso, com o Coletivo ERER+, criou a intervenção urbana Vestígios, sobre o tema da violência contra meninas e garotas. Ainda em 2018, em novembro, criou junto com as turmas "As minas na História", uma intervenção artística sobre a presença de mulheres negras na história do Brasil. Os trabalhos receberam reconhecimento público em 2019 durante audiência na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em virtude das práticas desenvolvidas na educação pública.

Já em 2020, T. Angel passou a ser designada como coordenadora pedagógica da Escola Estadual Doutor Américo Marco Antônio e em 2024 defendeu sua dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo sobre suas práticas como professora, artista e monstra. Em sua dissertação de mestrado, T. Angel desenvolve a noção de "pedagogia do esquisito" ou "pedagogia das aberrações" (Angel, T., 2024, p 151). Esta nomenclatura foi usada pela primeira vez pela professora em 2018 na palestra da "1ª Semana Acadêmica Integrada da Faculdade de Caieiras". A partir daí a palestra se tornou um curso em 2020 e 2021 de dois dias na programação do Centro de Referência da Dança em São Paulo.

Ao formular a noção de "pedagogia da aberração", T. Angel elabora criticamente sua experiência como professora da educação básica na periferia. A percepção do modo como seu corpo monstruoso atravessava as relações em sala de aula constitui um dos pontos de partida dessa reflexão: "Havia algo de esquisito e pedagógico acontecendo naquele espaço que fiz a minha travessia na educação básica" (Angel, 2024, p. 152). Inspirada no "Manifesto Freak" (Angel, 2015), essa pedagogia articula dois eixos: a presença de corpos heréticos e *queer* nas instituições educacionais e a potência de práticas pedagógicas disruptivas produzidas no encontro com a diversidade.

> A Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações" busca atuar no sentido de produzir marcas de afeto e ressignificar as marcas de outras dores, para docentes e discentes, para que transformados, possam transtornar o mundo e intervir na normatividade compulsória. Pois se o poder requer corpos tristes para que possa nos dominar, nós buscaremos ser corpos que cons-

10.47250/forident.v43n1.p217-238

> cientes de si e de nossas potências, dançaremos furiosamente, metralhando o tempo e espaço com sorrisos vibrantes e barulhentos que preencham a imensidão (Angel, T., 2024, p. 155).

Fig. 3 – Dinâmica da corrida do privilégio a professora transexual T. Angel em 2018[7]



Fig. 4 – Roda de conversa com a professora transexual T. Angel em 2018[8]



7. Prática desenvolvida na Escola Estadual Doutor Américo Marco Antônio. Foto de Lucas Augusto – Fonte: Angel (2024, p. 165).

8. Foto de Lucas Augusto. Fonte: (Angel, 2024 p. 164).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

A investigação de T. Angel sobre corpo, norma e monstruosidade não se restringe ao espaço escolar; ela também se manifesta em sua produção performativa. Como integrante do Coletivo Desvio, participou de "Paper Dolls", performance em que artistas vestidas com roupas confeccionadas a partir de jornais e revistas caminham pelo espaço e, em seguida, rasgam intencionalmente essas vestimentas. Neste trabalho, a moda deixa de operar apenas como código de apresentação social e passa a funcionar como linguagem para interrogar a construção da monstruosidade e a multiplicidade das identidades.

Fig. 5 – Performance coletiva "Paper Dolls" do Coletivo Desvio no Sesc Ipiranga com T. Angel[9]



Para T. Angel, a arte é indissociável da modificação corporal. Ela propõe uma leitura deste campo não apenas como estética, mas como um território de pesquisa e resistência política. O seu trabalho consiste em "hackear" os espaços tradicionais e introduzir debates urgentes sobre diversidade de gênero e sexualidade. A modificação corporal, portanto, é apresentada como uma linguagem que permite a expressão de identidades dissidentes, funcionando como um manifesto vivo contra a padronização dos corpos.

Um dos processos artísticos descritos por T. Angel envolve a criação de um "coração congelado". Ela explica que palavras consideradas "malditas" são inseridas em uma fôrma de coração, preenchida com seu próprio sangue e congelada. O vídeoperformance "O Encouraçado de Angel" revela o derretimento do coração, simbolizando a exposição, a transformação e a ressignificação dessas palavras e sentimentos (Angel, 2024, 1min).

9. Essa atividade aconteceu em agosto de 2014 com a presença da professora transexual T. Angel. – Foto de Rodrigo Munhoz, 2014 – Fonte: (Angel, 2024, p. 66).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

T. Angel descreve a vida como um "tempo queer", uma "coreografia de vida" marcada pela intensidade. Em face dos dados sobre a morte precoce da população transexual, essa formulação adquire também o sentido de uma urgência de futuridade e de afirmação da vida. Em suas palestras, a desobediência dos corpos aparece como uma maneira de elaborar a travessia da monstruosidade. A partir dessa articulação entre experiência, corpo e resistência, a próxima seção discute o que tais práticas permitem pensar sobre os processos de ensino e aprendizagem.

Fig. 6 – Performance "Estudos para Linha do Tempo" da professora transexual **T. Angel**[10]



Fig. 7 – Performance "Manifesto Freak: cantos das aberrações" com T. Angel[11]



10. Registro da Performance "Estudos para Linha do Tempo" da professora transexual T. Angel em 2018 – Foto de Rodrigo Munhoz. Fonte: (Angel, 2024, p. 98).

11. Fig. 7 – Registro da performance realizada no SESC Av. Paulista em 2024 – Foto: Leonardo Waintrub – Fonte: (Angel, 2024, p. 149).

10.47250/foridentv43n1p217-238

Fig. 8 – T. Angel (na parte inferior à direita na foto) na disciplina Educação Infantil da FE/USP[12]



O ato de estranhar na Arte-Educação

> A simples presença de um corpo trans ocupando o lugar de educadora já é um ato poderoso de mudança, mesmo que não se fale diretamente sobre o assunto o tempo todo.
> T. Angel, 2019

Se a educação é a maneira como as pessoas, as instituições e as sociedades "respondem" ao ingresso daqueles que nascem, então o período da infância parece ser fundamental para aquilo que consideramos "educar alguém". A educação, por assim dizer, deve garantir a manutenção do poder enigmático de existir da criança. "Não seria o caso de, então, deixar acontecer a verdade que traz consigo aquele que nasce?" (Larrosa, 2007, p. 196).

Os relatos de T. Angel sobre a infância, as violências vividas na escola e o posterior retorno como professora evidenciam a importância do acolhimento de corpos transexuais no ambiente escolar. Mais do que ilustrar os efeitos da exclusão, sua trajetória permite interrogar as condições pedagógicas e institucionais que tornam possível, ou dificultam, o pertencimento.

12. Participação da professora transexual T. Angel na disciplina de Educação Infantil, ministrada pela Profa. Dra. Anete Abramowicz de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo USP em julho de 2026. Fonte: https://www.instagram.com/p/DaSytLZlTCv/?img_index=1. Acessado em: 06/07/2026.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

A Associação de Mães pela Diversidade[13], criada em 2014, nos revela que o tema da sexualidade na infância e os mecanismos de controle em torno dela, é mote para organização social de direito das crianças e dos seus modos de existência. As crianças transexuais existem, tem linguagem, modos próprios de aprender o mundo e exigem determinadas revisões no campo pedagógico e artístico.

Quando não encontra espaço para criar, conhecer e participar, a criança pode passar a experimentar a escola como um lugar ao qual não pertence. A exclusão de corpos heréticos no ensino básico, portanto, não é apenas uma questão de representação: ela afeta as possibilidades de participação e pertencimento no cotidiano escolar:

> O ambiente escolar e a Educação frequentemente reproduzem padrões normativos da sociedade, no qual meninos e meninas são incentivados, a seguir comportamentos previamente estabelecidos, de forma velada ou explícita, tornando-se assim, um espaço excludente a corpos(as) e identidades dissidentes. Tais práticas acabam por moldar jovens e crianças impondo comportamentos e expectativas sociais rígidas, alimentando o sentimento de não pertencimento (Chagas, 2025, p. 20).

Assim sendo, na busca por fortalecer o pertencimento da criança, a introdução da abordagem queer na educação pode resultar em diferentes modos de enfrentar o desafio da diferença no ambiente escolar. "Embichamento do currículo, currículo queer, via(da)gens queer, pedagogia queer, pesquisa-aquendação, criança transviada, enviadescer" (Oliveira, 2023, p. 7) são algumas das imbricações possíveis existentes entre a educação e as múltiplas identidades dos estudantes.

Nas pesquisas acadêmicas de Arte-Educação, podemos encontrar, professoras e professores LGBTQIAPN+ que estimulam em seus estudantes pesquisas que desenvolvem uma conexão entre as identidades heréticas e os fazeres artísticos, envolvendo assim, técnicas das Artes com inquietações *queer*. É assim que os docentes potencializam, ao mesmo tempo, o avanço da pesquisa em Arte e as particularidades das identidades heréticas.

> Ao inserir 'referências dissidentes' nas aulas de Arte, penso nas outras histórias e vozes que foram historicamente silenciadas e que necessitam fazer parte das práticas que proponho por meio da Arte/Educação. Como um dos silenciados, me proponho a "erguer a voz " a maneira de bell hooks, buscando novos modos de interação com os estudantes e a arte, e talvez uma possível 'maneira de (re)existir' (Chagas, 2025, p. 22).

13. Mais informações da Associação Mães pela Diversidade em: https://maespeladiversidade.org.br.

doi 10.47250/forident.v43n1.p217-238

Ainda como um modo de diminuir o preconceito e valorizar a diversidade no ambiente escolar, algumas das práticas encontradas no ensino de Artes estão ancoradas pela Abordagem Triangular[14] de Ana Mae Barbosa por meio de propostas de leitura crítica sobre os estudos *queer*, análise de imagens das produções de artistas queers e o fazer artístico (Chagas, 2025, p. 51).

A importância da leitura da imagem, por exemplo, no campo da Arte-Educação, quando entrecruzada com as práticas artísticas queers, intensificam sua fruição. A contextualização da arte explora mais ainda a relação entre arte e vida dos artistas queers envolvidos e o fazer artístico dos estudantes ganha status de experimentação.

> Ao juntar 'Abordagem Triangular' e o 'pensamento dissidente', a pesquisa tornou-se um meio de ampliar diálogos, questionar normatividades e tensionar estruturas que insistem em silenciar corpos e existências dissidentes. Assim, reafirmo a Arte/Educação como um espaço potente de transformação, ao menos em mim, onde resistência e criatividade se entrelaçam na busca por novas possibilidades de (r)existência e representatividade. (...) Portanto, os diálogos outros e presenças dissidentes devem estar sempre presentes na educação básica, assim como o contato com a arte, seus procedimentos e processos, garantindo um aprendizado inclusivo e representativo, com múltiplas narrativas e existências, potencializadas por meio da Arte/Educação (Chagas, 2025, p. 83).

No que se refere ao fazer artístico dos estudantes, as práticas vinculadas à performance e à experimentação de linguagens que desafiam convenções da arte podem ampliar tanto a produção de conhecimento quanto as próprias possibilidades do campo artístico. Em diálogo com a Abordagem Triangular, a proposta de uma abordagem espiralar, discutida por Marina Marcondes Machado, oferece outra maneira de pensar o ensino de Artes. Ao questionar hierarquias na produção do conhecimento e favorecer o cruzamento de técnicas e linguagens, essa perspectiva pode contribuir para *queerizar* o currículo (Machado, 2012, p. 8).

É o que encontramos nas experiências em sala de aula da professora T. Angel que envolvem a criação artística por meio do conceito de *site specific*[15]. Podemos definir que *site specific* "são obras abertas, constantemente sujeitas a adaptações e alterações suscitadas pela especificidade de cada lugar" (Gervilla, 2021, p. 67).

---

14. "A Abordagem Triangular estrutura-se a partir de três eixos orientadores do ensino de Arte: a Leitura de obras de arte e de imagens do cotidiano, a Contextualização e o Fazer Artístico; estes dialogam e interagem de forma sistêmica, em múltiplas possibilidades, direções e percursos" (Chagas, 2025, p. 26).

15. "O termo site-specific surgiu na passagem da década de 1960 para 1970, a fim de classificar uma nova série de obras artísticas criadas de forma intríseca ao lugar onde se encontravam. Nomes como os estadunidenses Nancy Holt, Robert Smithson e Walter de Maria são comumente ligados às primeiras produções desse gênero. Não somente esses artistas, mas outros, como Dennis Oppenheim, Mary Miss, Michael Heizer e Robert Morris já trabalhavam com a linguagem que ficou conhecida como land art, obras feitas fora do espaço físico dos museus e galerias de arte, e que utilizam o próprio terreno (land) como suporte." in Gervilla, 2021, p. 49).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

Nesse contexto, a criação coletiva "Entre Frestas" mobilizou atividades imaginativas e corporais nos corredores da escola, abrindo frestas poéticas e estéticas e projetando outras possibilidades de futuro. Se, no *site-specific*, a obra se constitui em relação com as características do lugar, então a atuação do Coletivo ERER+ e de T. Angel pode ser compreendida como uma prática que estranha o ambiente escolar enquanto produz conhecimento.

Assim sendo, práticas alternativas do interior das Artes, como *site specific, happening* e instalações, atuam com uma forte relação entre os fazedores da arte e a noção comunitária com o espaço do qual insere suas poéticas. Nesse sentido, incentivar práticas contemporâneas das artes é um modo de expandir a corporalidade *queer* na escola:

> Instalações e happenings (acontecimentos, vivências, experiências no tempo presente) precisam ser propostos pela professora artista pesquisadora e pelo professor artista pesquisador até mesmo para as crianças muito pequenas, de modo que a noção de arte se amplie e ganhe a dimensão da vida, do sonho, da natureza e da cidade – para depois, com crianças mais velhas e adolescentes, ganhar também a dimensão do pesadelo, do aterrorizante, do bizarro como uma estética possível, e como forma de conversar sobre todas as coisas do mundo compartilhado. O que inclui a corporalidade *queer* e a leitura própria de si, com o outro, no mundo; evocar ancestralidades e afirmar as brasilidades, diálogo com a arte indígena e reconhecimento da bagagem africana, em seus pesos e levezas (Machado, 2025, p. 67).

As práticas artísticas e performativas podem, assim, desestabilizar concepções tradicionais de livro didático, cartilha ou apostila no ensino de Artes. Essa possibilidade dialoga com a crítica queer à sistematização rígida do ensino e à classificação dos conhecimentos. Nessa perspectiva, acolher o estranhamento em sala de aula e na Arte-Educação significa também abrir espaço para outras formas de circulação do poder, produzidas nas práticas artísticas e nos processos de construção do conhecimento.

Na busca por questionar a noção de "livro didático" na área das artes, e causar assim um estranhamento no ensino em artes, encontramos possibilidades múltiplas de recriação do material didático, inclusive a proposta de "ateliê criativos" coletivos na produção de um livro didático:

> O livro didático, em um caminho indisciplinar, poderia ser discutido, elaborado, experimentado e construído em ateliês criativos nas Licenciaturas em arte (teatro, música, artes visuais, dança e audiovisual) pelo Brasil afora – nas Universidades, e, concomitantemente, nas Escolas. O estudante poderá, ele mesmo, criar seu livro didático a partir de atos performativos acontecidos durante os anos de estudo, estágio e pesquisa na graduação – contextu-

10.47250/forident.v43n1.p217-238

> alizada e situada no convívio com crianças e com adolescentes, nos estágios, extensões, residências artísticas. Assim, o material criado será retrato da poética própria do Licenciando – sem nunca deixar de lado a poiesis dada pelas relações eu-mundo-outro e pelas situações político-sociais. Retratos vividos e materializados na metodologia *work-in-progress*/obra em andamento, durante o tempo de suas experiências vividas em escolas, clubes, Ongs, espaços públicos abertos e fechados, e, especialmente, sempre junto com crianças e jovens. Estar-com. Giro concretizado na inflexão da incompetência para a arte por assim dizer bem-comportada, incompetência que *queerizar* os currículos em artes fomentariam (Machado, 2025, p. 74).

Considerações finais

Podemos afirmar que a Arte-Educação é uma prática enigmática e multidimensional que expande a noção predominante do modo como conhecemos o mundo.

Podemos ainda compreender o ato performático da existência transexual de T. Angel no interior do ambiente escolar como um ato pedagógico em si mesmo. Ao caminhar pela escola, por exemplo, seu corpo herético realiza um ato político performativo diário, o que estranha o espaço rígido, tradicionalmente encontrado nos ambientes de ensino.

A monstruosidade inscrita no corpo de T. Angel e mobilizada em suas produções artísticas em sala de aula pode contribuir para pensar uma ontologia da monstra a partir de perspectivas feministas latino-americanas. Nessa leitura, a monstruosidade não é uma categoria abstrata ou universal: ela se constitui em relação com as singularidades de um território do Sul Global atravessado por violências e mecanismos de controle.

Ainda nesse sentido, as ciências sociais revelam que a luta sobre a posse de terras produziu uma América Latina, expressa em imagens coloniais monstruosas na tentativa de catalogar a latino como "selvagem, canibal, sujo, exótico, desviante" (Gavério, 2020, p. 191). Ou seja, a noção de "aberração"; de monstruosidade; nasce imbricada numa relação geopolítica em que os corpos heréticos escancaram a tensão entre os binários "metrópole e colônia", "colonizador e colonizado" e "centro e periferia"; uma "outridade estigmatizada":

> A identidade latino-americana é construída, também a partir de um 'enquadramento colonial' tecnocientífico e popularmente cultural anglo-europeu. Esse enquadramento colonial teria formatado corpos e comportamentos não europeus como naturalmente 'monstruosos', 'aberrantes'. (...) a identidade latino americana possui uma normatividade que ainda opera por uma lógica da 'outridade estigmatizada' (Gavério, 2020, p. 191).

10.47250/forident.v43n1.p217-238

Como desdobramento desta investigação, caberia examinar mais detidamente as dimensões latino-americanas presentes nas produções de T. Angel e investigar de que modo o corpo *queer* latino pode produzir formas específicas de estranhamento geopolítico.

Mais especificamente, na Arte-Educação, a participação de artistas queers e de professoras transexuais durante o processo de ensino aprendizagem, oferece abertura para a construção de diálogos em torno da Arte e das identidades heréticas.

> o que fica desse processo é a constatação da importância de se provocar estranhamentos na sala de aula como potencializadores do ensino/aprendizagem. Uma reflexão que deixa o desafio de uma atenção permanente à questão: Como podemos provocar estranhamentos na aula de Arte? Nesse sentido, outro ponto que fica como fundamental para pensarmos os processos educativos é o da importância de se compreender a diversidade presente em sala de aula e de se respeitar os saberes trazidos pelos estudantes, exigindo a abertura ao diálogo, como enfatiza Paulo Freire (Álvares, 2021, p. 42).

O estranhamento na sala de aula, por meio da introdução de experiências artísticas disruptivas, tais como happenings, site specific e instalações, mostra ser uma atitude assertiva no que diz respeito ao conhecimento como um "agir". A monstruosidade contribui na promoção de uma "perplexidade"[16] na educação e na manutenção de um estado de hesitação, confusão e estupefação diante da experiência artística vigente.

> Monstruosidades geram sismos no chão da educação institucional. Com suas ausências ou presenças, mas sobretudo, com a rebeldia insistente em permanecer e sonhar em estar ali pisando e dançando naquele chão. Fazendo-o rachar. Produzindo outras fissuras. Ainda que estejamos em silêncio: o chão da escola treme. A educação institucional gera marcas indeléveis nas travessias dessas monstruosidades. Corpos docentes e discentes, no recorte que mergulhamos das dissidências, são marcados por essas experiências. Para além do bem e do mal, são marcados com base nos sismos que geram, no estranhamento que instauram e na expansão da vida marginal que produzem. Uma ode à marginalidade (Angel, T., 2024, p. 201).

Mais adiante, na perspectiva da potência marginal sugerida pelo estranhamento, podemos encontrar nos relatos de T. Angel, a conquista de uma relação fortalecida entre ela e as crianças, ampliando diálogos construtivos, capazes de promover a expansão de consciências e modos de ver o mundo.

16. O termo "perplexidade" foi utilizado com frequência nas aulas da professora Dra. Luiza Helena da Silva Christov na disciplina "Seminários de Pesquisa II" na Universidade Estadual Paulista UNESP com o objetivo do florescimento de inquietude nas pesquisas – Março a julho de 2026.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

É importante ressaltar que é possível verificar em seus depoimentos as dificuldades de inserção das palestras de T. Angel em escolas particulares tradicionais o que ela atribui à sua estética e sua identidade *queer*, sendo frequentemente convidada apenas para palestras pontuais.

No entanto, a presença de T. Angel em um cargo de autoridade é fundamental para que as alunas trans, travestis e queers reconheçam um modelo de dignidade e de possibilidade de ocupação de espaços de poder. A presença de T. Angel no âmbito escolar desafia os estereótipos frequentemente associados à sua imagem, o que revela um impacto pedagógico positivo e inesperado.

A título de continuidade da pesquisa deste artigo, é possível considerar também a possibilidade de maiores imbricações entre as três variáveis "performer", "professora" e "transexual" e destacar de que modo a fricção entre elas suscita deslocamentos e estranhamentos na produção de novos significados na educação e na arte.

Além disso, alguns dos desafios que se somam na perpetuação de uma abordagem *queer* na educação, dizem respeito ao tema da violência. Na palestra "Políticas e ações de diversidade, equidade e contra o assédio na Universidade", ministrada na Semana Inaugural da Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista PPGArtes pela professora transexual e física Dra. Daniela Cardozo Mourão, é possível notar um avanço nas políticas afirmativas que envolvem os corpos heréticos na educação universitária, no entanto, ainda persistem as atitudes de violência e assédio que toda a comunidade é vítima e também produtora. "Como trazer as pessoas sem trazer com elas a violência?" nos provoca a professora Daniela.

No que diz respeito ao acolhimento dos corpos heréticos no espaço de ensino, um dos avanços que podemos citar, é a criação, por exemplo, da Pró Reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade[17] (Proade) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), que inclusive tem como uma das responsáveis a professora transexual Dra. Daniela Cardozo Mourão.

Em seu segundo informe público em julho de 2026, a Pró Reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (Proade) destacou importantes avanços nas políticas de diversidade, equidade e inclusão da Unesp. Entre as principais iniciativas estão a isenção da taxa para emissão de documentos relacionados à retificação de nome e gênero, incluindo diplomas, beneficiando diretamente pessoas trans; o início dos auxílios a estudantes travestis, transexuais e transgêneros; o lançamento do Guia de Orientações sobre Intersexualidade, voltado à promoção de informação

17. "A trajetória da UNESP na promoção da diversidade e da equidade foi consolidada por meio da implementação de políticas afirmativas e de combate às discriminações, tendo como marcos a criação do projeto Educando para a Diversidade, em 2018, a instituição da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI), em 2021, e, posteriormente, da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (PROADE), em 2025. A criação da PROADE fortaleceu a articulação institucional das políticas de inclusão, direitos humanos e justiça social, reunindo diferentes coordenadorias e promovendo ações integradas voltadas ao enfrentamento das desigualdades e à valorização das diversidades no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária". Fonte: https://www2.unesp.br/portal#!/proade/home/historico.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

e combate à discriminação; e a realização, durante o Mês do Orgulho de 2026, de uma live sobre raça, sexualidade e produção de conhecimento.

Reconhecemos a importância dos avanços nas políticas afirmativas. Nesse contexto, a abordagem *queer* permite compreender o estranhamento como prática crítica capaz de questionar os processos pelos quais a escola produz sujeitos e organiza políticas de reconhecimento. Manter essa disposição para estranhar pode contribuir para interromper a reprodução das desigualdades e para renovar os modos de produzir conhecimento em Artes e na educação.

Aprendemos ainda que a busca da abordagem *queer* na educação persiste no redescobrimento do espaço que chamamos de "eros". Aflorar o eros no interior de nossos corpos, para que assim, deixemos com que a mente e o corpo experimentem a potência do desejo; do brio; da vontade da coragem; da monstruosidade.

Outra importante constatação que devemos considerar sobre a monstruosidade vem da análise da cineasta e professora Dra. Miriam Schenkman Chnaiderman, participante da banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado de T. Angel, em 16/08/2024 na FEUSP, que, neste dia, observou a importância da garantia da noção de monstruosidade para todos os corpos, compreendendo assim, que a monstruosidade deve estar disponível a toda e qualquer humanidade. Isso porque, devemos garantir no interior da noção de monstruosidade uma dimensão coletiva e democrática do viver.

Por fim, vale ainda incluir a ideia (e por quê não?!) de que a potência do estranhamento do corpo herético no interior da sala de aula, é, por assim dizer, uma reivindicação do amor:

> Muito do meu corpo está falando de amor, mas é tão chocante pra uma grande parte das pessoas que elas não conseguem. Elas veem um grande borrão, e tá tudo bem. Tá escrito, né?! Mas ao mesmo tempo pra além da escrita é intervir neste corpo como um processo de amor-próprio de cura, de lamber feridas, de: "olha, é seu, é você!". E essa é minha forma de cuidar, essa forma de expressar um amor por mim mesma (T. Angel, 2021).

É também pelo amor que permanecemos aqui.

Referências

ALVES, Allian Fernando Santos. **O demônio e suas múltiplas imagens atreladas à mulher e ao medo na Época Moderna (séc. XVI-XVII)**. Relatório de Licenciatura em História da Arte. Orientador: Nuno Miguel de Resende. Porto: Universidade do Porto, 2022. Disponível: https://0f4904a5-eb30-48a6-890e-df9d26961694.filesusr.com/ugd/dd2c08_9e89b50ab30241a48bc0bdadd29cbd21.pdf. Acesso em: 2 jul. 2026.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

ÁLVARES, Nicole Carvalho de Araújo; MACEDO, Juliana Gouthier. O estranhamento como estratégia para o ensino/aprendizagem de Arte. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 24-44, 2021. DOI: 10.5965/2358092525252021024. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/19637. Acesso em: 3 jul. 2026.

ANGEL, T. **Currículo T. Angel**. Disponível em: http://www.tang3l.com/p/curriculo.html. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. **Encouraçado: um fragmento de monstrado**. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vPCiOk4Nnek. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. **Fragmentos da Defesa de Monstrado**. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h00YCUo-kz4. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. **Manifesto Freak**. *FRRRKguys*, 27 dez. 2015. Disponível em: https://www.frrrkguys.com.br/manifesto-freak. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. **Travessias de monstruosidades: corpos docentes e discentes na educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP). Orientadora: Anete Abramowicz. São Paulo, 2024. 218 p.

ANGEL, T. *In*: ARAÚJO, Anna Carolina Nogueira de; MARTINS, Beatriz Camargo; *et al*. **A experiência LGBTQIA+ no ensino institucional: entrevista com T. Angel**. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iSkiCJ3asaQ. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. *In*: CHÁ COM CAMI-SAMA. **Chá com Cami-sama | Parte I com T. Angel falando sobre educação, gênero, teatro e vida**. YouTube, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h03weESIcXs. Acesso em: 7 jul. 2026.

ANGEL, T. *In*: MURRO TV. **UTOPIAS #T4 – EP19: T. Angel**. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QTb9DaHR5x4. Acesso em: 7 jul. 2026.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução: Maria Paula C. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUIATI, Marcos Katu. Monstruosidades, Corpo e Criação: estratégias para se dançar com o infamiliar. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2237-2660128243vs01. Acesso em: 22 jun. 2026.

CHAGAS, Rafael Porfírio. **Arte dissidente na educação básica: possibilidades e desafios para práticas arte/educativas contemporâneas**. 2025. 87 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), São Paulo, 2025.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (org.). **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. Vários autores. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

FELIX, Sérgio. **Quem você vê no espelho?** YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D566cjhhr4U. Acesso em: 2 jul. 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – 23a ed. – Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

10.47250/forident.v43n1.p217-238

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GAVÉRIO, Marco Antônio. Aberrações tropicais: representações da monstruosidade no teatro Latino-Americano. **Áskesis**, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 188-192, jul./dez. 2020.

GERVILLA, Lucas Rossi. Site-specific: trabalhos direcionados para um lugar predeterminado. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 38, p. 49-67, 2021. Acesso em: 7 jul. 2026.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Marina Marcondes. **Para habitar as artes, um currículo queer**. *Revista Rebento*, São Paulo, n. 12, p. 46-78, dez. 2025.

MACHADO, Marina Marcondes. Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. **Revista e-Curriculum**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, vol. 8, núm. 1, p. 1-21, 2012.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FERRARI, Anderson; SOUZA, Marcos Lopes de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sobre o queer podemos pesquisar em currículo e educação? Notas sobre expansões, obstáculos e imaginações. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, 2026.

RIVA, Huélinton Cassiano. Desvendando o léxico do Pajubá, a gíria do grupo dos LGBTQIAPN+ do Brasil. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 2, 2024.

SOUZA, Manoel Messias Silva de. **Bixancestralidade: revelando memórias LGBTI+ e afroindígenas em álbuns de família**. 2025. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2025.

VIANA, Fausto. Qual a profilaxia para o seu figurino? **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 59-81, 2015.

10.47250/forident.v43n1.p217-238